

SABINE GOROVITZ E  
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

# POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



**UnB**

**Reitora**  
**Vice-Reitor**



**Universidade de Brasília**

Márcia Abrahão Moura  
Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora**

Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial**

Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende  
Carlos José Souza de Alvarenga  
Estevão Chaves de Rezende Martins  
Flávia Millena Biroli Tokarski  
Jorge Madeira Nogueira  
Maria Lidia Bueno Fernandes  
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos  
Sely Maria de Souza Costa  
Verônica Moreira Amado

SABINE GOROVITZ E  
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

# **POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL**

EDITORA



**UnB**

**Coordenadora de produção editorial  
Preparação e revisão**

**Equipe editorial**

Luciana Lins Camello Galvão  
Jeane Antonio Pedrozo

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
Telefone: (61) 3035-4200  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada  
ou reproduzida por qualquer meio sem a  
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

P769 Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior  
no Brasil / Sabine Gorovitz e Enrique Huelva Unternbäumen  
(org.). - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.  
284 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-156-2

1. Ensino superior - Internacionalização - Brasil. 2. Educação -  
Cooperação internacional. 3. Política linguística. 4. Redes de  
cooperação acadêmicas. I. Gorovitz, Sabine (org.). II.  
Unternbäumen, Enrique Huelva (org.).

CDU 378

---

# Sumário

Apresentação .....	9
--------------------	---

---

## PARTE 1

### PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

#### Capítulo 1

A internalização das universidades brasileiras .....	15
--	----

Heitor Gurgulino de Souza

*Universidade da ONU*

#### Capítulo 2

Políticas de Integração e Cooperação Técnica de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior — perspectivas Unesco .....	31
--	----

Maria Rebeca Otero Gomes e Thais Guerra

*Unesco*

#### Capítulo 3

Expectativas para o crescimento do Programa MARCA MERCOSUL	45
--	----

Grasiele Reisdörfer

*MEC – Programa Marca Mercosul*

#### Capítulo 4

Educação superior brasileira: cenários e reais e possibilidades de cooperação Brasil/Goa/Índia .....	53
---	----

Marcos Formiga

*UnB/Ceam – Núcleo do Futuro*

---

## **PARTE 2**

### **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA**

#### **Capítulo 5**

Políticas del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina ..... 73

Rainer Enrique Hamel

*Universidad Autónoma Metropolitana – UAM*

#### **Capítulo 6**

Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário ..... 101

Angela Erazo Muñoz

*Universidade Federal da Paraíba – UFPB*

#### **Capítulo 7**

A Língua Portuguesa em Goa / Índia: uma breve história e evolução mais recente ..... 117

Aurobindo Xavier

*Sociedade Lusófona de Goa – LSG*

#### **Capítulo 8**

Missões e desafios da Agência Universitária da Francofonia (AUF) 127

Isabela de Cerqueira Silva Ospital

*Agência Universitária da Francofonia – AUF*

#### **Capítulo 9**

Pela diversidade linguística nas universidades: o monolingüismo do inglês em debate ..... 135

Sabine Gorovitz

*Universidade de Brasília – UnB*

---

### **PARTE 3**

#### **POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO, REDES E AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**

##### **Capítulo 10**

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr:  
atividades e desafios ..... 147

Stephan Hollensteiner e Fernando Oliveira Paulino

*Faculdade de Comunicação – FAC/UnB*

##### **Capítulo 11**

A cooperação universitária com a Alemanha e o papel do Serviço  
Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) ..... 161

Martina Schulze

*Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD*

##### **Capítulo 12**

Internacionalización en la Organización de los  
estados Iberoamericanos ..... 173

Paulo Speller

*OEI*

##### **Capítulo 13**

A Cooperação Acadêmica da União Europeia com o Brasil ..... 183

Claudia Gintersdorfer

*União Européia – UE*

##### **Capítulo 14**

A contribuição dos estudos latino-americanos para a  
internacionalização das universidades brasileiras e para a produção  
de um conhecimento global ..... 193

Rebecca Lemos Igreja e Simone Rodrigues Pinto

*Universidade de Brasília – UnB*

---

## **PARTE 4**

### **BOAS PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL**

#### **Capítulo 15**

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp ..... 213

Luís Augusto Barbosa Cortez

*Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)/Unicamp*

#### **Capítulo 16**

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de  
pesquisa científica e ensino superior ..... 235

Alain Bourdon

*Embaixada da França no Brasil*

#### **Capítulo 17**

Acordos internacionais entre a FAU/UnB e as  
universidades estrangeiras ..... 243

Cláudia Estrela Porto

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB*





---

## **PARTE 2**

### **POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA**



---

## CAPÍTULO 6

# Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário

Angela Erazo Muñoz<sup>1</sup>

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

### Introducción

Sería difícil comenzar a hablar de plurilingüismo académico sin citar a Bernard Cerquiglini (2013, p. 11, traducción del autor) quien apunta que “Parece ser un hecho que la diversidad de lenguas es, y ha sido siempre, una ventaja para la producción y difusión de los saberes”.<sup>2</sup> Así, cabe recordar que mucho antes del contexto de las guerras mundiales y con la formación de instituciones universitarias (Universidad de Bolonia 1089, Universidad de Oxford 1096), lenguas como el latín, griego y, posteriormente, el francés,

---

<sup>1</sup> Doutora em “Sciences du Langage: Didactique et Linguistique” pela Université de Grenoble-Alpes, França, é professora adjunta da Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Departamento de Mediações Interculturais. Ela foi professora da Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA (Brasil) e na Université de Strasbourg (França). Ela é membro da equipe do projeto DIPROLínguas, Distância e proximidade entre português, francês e outras línguas: potencial da reflexão comparativa, CAPES-COFECUB. Participa dos grupos de pesquisa MOBILANG, da UnB, e do Grupo FLORES: Intercompreensão, Didática do Plurilingüismo e Políticas de Línguas, da UFPR, com experiência nas áreas de: Linguística Aplicada, políticas da linguagem, didática do plurilingüismo e Intercompreensão. Conta com trabalhos publicados em países como Argentina, Brasil, França, Estados Unidos, Itália, Espanha e Portugal.

<sup>2</sup> Original: “*Il semble aller de soi que la diversité des langues est, et a toujours été, un atout pour la production et la diffusion des savoirs*”.

inglés y alemán eran enseñadas y utilizadas como lenguas de instrucción y de comunicación científica. Así, Ofelia García (2011), en referencia al trabajo de Mackey (1978), indica que existen vestigios alrededor de 4.000 a 5.000 años de antigüedad que testifican la instrucción bilingüe y multilingüe en lugares como Siria y posteriormente en la antigua Persia y en el mediterráneo. En el mismo trabajo, García constata que en muchas escuelas y centros de instrucción se ha practicado, desde siempre, alguna forma de educación bilingüe; sin embargo, es solo a partir de la segunda mitad del siglo veinte que la educación bilingüe se construye como una forma de evidenciar la heterogeneidad lingüística y cultural de los estudiantes.

En este orden de ideas y desde una perspectiva más amplia podemos decir que, así como la gran mayoría de la humanidad es plurilingüe o habita en ambientes multilingües (Calvet, 2001; Lüdi; Py, 1986), la propia institución universitaria, la producción científica y la construcción del saber son, han sido y se han construido a partir de prácticas discursivas y comunicativas multilingües. Por lo cual, la movilidad e internacionalización universitaria, aunque sean grandes desafíos actuales, son igualmente dinámicas y problemáticas que ya han existido de cierto modo en la práctica.

En el contexto actual de la internacionalización universitaria y de la ciencia, se observa cada vez más, la necesidad de discutir y reflexionar sobre el carácter multilingüe y multicultural que las instituciones universitarias están tomando, pues en ellas también se reflejan las dinámicas sociales, políticas y económicas de los países que las amparan. Estos contextos, originan situaciones heterogéneas de aprendizaje e interacción donde las lenguas cumplen un rol esencial en los procesos de aprendizaje, de instrucción, investigación, construcción y divulgación científica a nivel local e internacional.

Frente a estos desafíos, las prácticas comunicativas plurilingües emergen como una condición indispensable para responder a problemáticas

relacionadas con la integración e inserción de estudiantes e investigadores, como también con la formación de equipos científicos internacionales tras el objetivo de una producción científica y académica exitosa.

Por lo tanto, conscientes de la complejidad de un desafío como este, la Asesoría de Asuntos Internacionales de la Universidad de Brasilia (INT/UnB) organizó el Primer Foro y Feria de Internacionalización de la UnB,<sup>3</sup> del 22 al 24 de agosto de 2017. El objetivo principal de dicho evento fue el de incentivar e informar a la comunidad académica sobre los acuerdos, programas, redes y la gama de posibilidades de intercambio entre la UnB y otras universidades nacionales e internacionales. Además de contar con especialistas dentro las diversas áreas implicadas en el proceso de la internacionalización universitaria, las discusiones y las reflexiones en equipo sobre las políticas lingüísticas nos condujeron a plasmar en este texto parte de esa experiencia.

Por ello, la idea de este artículo es la de explorar las prácticas comunicativas plurilingües observadas en contextos de movilidad académica y a partir de estas experiencias, pensar en políticas y prácticas que posibiliten las condiciones y las herramientas necesarias para el desarrollo de una comunicación científica e institucional desde una perspectiva multilingüe, tal como apunta Brigitte Foster Vosicki (2015, p. 336, traducción del autor) “Frente a esos nuevos desafíos surge la necesidad de un tratamiento explícito de la cuestión del plurilingüismo como condición indispensable para la calidad de la formación, la investigación y la comunicación científica e institucional”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> <http://www.ffi.unb.br/>.

<sup>4</sup> Original: “Face à ces nouveaux défis émerge le besoin d’un traitement explicite de la question du plurilinguisme en tant que condition indispensable à la qualité de la formation, de la recherche et de la communication scientifique et institutionnelle”.

## Las lenguas en la comunicación académica

Diversas son las perspectivas y los estudios que apuntan hacia trabajo en conjunto, transversal e interdisciplinar para entender las dinámicas, las prácticas y los desafíos a los cuales están confrontados tanto las lenguas, los discursos como sus hablantes, en los entornos socioculturales y políticos actuales como es el caso de la internacionalización universitaria. Es por ello que, a partir de los años ochenta, Guespin y Marcellesi proponen la glotopolítica como un enfoque que engloba todos los aspectos del lenguaje — incluyendo la palabra, el habla, el discurso — y cómo estos aspectos se relacionan e intervienen en las dinámicas sociales (políticas, culturales, interaccionales). Dentro de esta misma dinámica, Philippe Blanchet, explica que la glotopolítica recubre entonces, aspectos micro y macro — sociolingüísticos que van desde actos minúsculos como interacciones cotidianas, hasta intervenciones más amplias como relaciones de poder en términos de decisiones políticas, por ejemplo, el de la planificación o gestión lingüística (Blanchet; Bulot, 2013, p. 78). Sin pretensiones de tratar sobre las diferencias terminológicas entre política del lenguaje, glotopolítica, gestión lingüística, nuestra propuesta en este artículo es la de observar las prácticas comunicativas en contextos institucionales las cuales nos pueden permitir detallar las prácticas que emergen de las políticas establecidas, y así pensar en la implementación y la oferta de condiciones favorables al cuerpo académico para la interacción, el desarrollo y la innovación científica.

Los estudios sobre el plurilingüismo desde la práctica social-comunicativa, nos llevan a cuestionamientos acerca de cómo interactuar, enseñar y aprender en ambientes y con actores sociales multilingües. Tomando como punto de partida que el plurilingüismo es un hecho social y de este modo, retomando a Marcellesi y Guespin (1986, p. 9), podemos decir: que “toda

sociedad humana es lingüística y toda práctica lingüística es social”<sup>5</sup> (1986, p. 9, traducción del autor). Por ello, en ambientes de investigación y de transmisión de saberes y conocimientos las lenguas, ya sean maternas o extranjeras, son una herramienta indispensable.

Desde esta perspectiva, pensar que la imposición del inglés como única lengua académica o lengua de comunicación científica es prácticamente un mito. De acuerdo con François Grin (2014, p128), así como el uso del inglés ayuda a entrar en contacto entre diversas personas y es una herramienta útil dentro de la enseñanza, también empobrece de cierta forma la producción científica restringiéndola a un solo modelo. Por lo cual, según el autor, una formación universitaria abierta y realmente internacional es necesariamente plurilingüe. La imposición de una lengua o el hecho de considerarla como dominante, conllevaría a simplificar o reducir la variedad de sistemas y combinaciones posibles que se producen en el proceso de construcción y transmisión del saber. En el mismo orden de ideas, Cerquiglini (2013, p. 13, traducción del autor) apunta “el multilingüismo, de hecho, ha hecho parte integrante de la producción científica: Linné, Buffon, escribieron en francés la ciencia de la Ilustración, bautizando con nombres en latín las familias y las especies de plantas, animales e insectos”.<sup>6</sup>

Por lo tanto, comunicarnos en varias lenguas y promover una cultura académica multilingüe e intercultural debe ser parte de la agenda y de las políticas de internacionalización universitaria. Para ilustrar algunas situaciones que emergen a partir de la adopción de una política en favor del multilingüismo universitario abordaremos dos ejemplos, uno europeo y el otro latinoamericano.

<sup>5</sup> Original: “*toute société humaine est langagière et toute pratique langagière est sociale*”.

<sup>6</sup> Original: “*Le multilinguisme, d’ailleurs, a toujours fait partie intégrante de la production scientifique: Linné, Buffon, écrivant en français la science du Siècle des Lumières baptisaient de noms latins les familles et les espèces de plantes, d’oiseaux et d’insectes*”.



## Prácticas plurilingües universitarias

En 2013, se publicó el libro del Proyecto Europeo DYLAN, Dinámica de las lenguas y la gestión de la diversidad, (Berthoud; Grin; Lüdi, 2013) texto donde encontramos (Part III: *Higher Education*, p. 229-264) una serie de casos específicos sobre el manejo de las lenguas dentro de la universidad europea. En esta parte, dos aspectos son analizados a partir de estudios de casos: por un lado, las políticas y el planeamiento lingüístico dentro de la investigación en las universidades europeas. Por otro lado, las prácticas lingüísticas de los miembros de esta comunidad académica (actividades, recursos, actitudes). Los estudios de casos, así como los ejemplos específicos de esta publicación, nos muestran cómo funcionan, institucionalmente (políticas y planeamiento) y en la práctica (experiencias, prácticas sociales) las universidades donde el plurilingüismo y implementación del inglés como lengua de comunicación académica está presente, autorizado o implementado. Ejemplos como el de la Universidad Autónoma de Barcelona en España (bilingüe), Universidad de Bolzano en Italia (trilingüe), Universidad de Helsinki (bilingüe), revelan que la categoría de Educación o Institución bilingüe presenta múltiples variables y manejos. Del mismo modo, los procesos de implementación del inglés, lengua académica en las instituciones no se materializa en el uso del inglés como única forma de comunicación. En efecto, se observa que, en la práctica, la implementación de clases y actividades en inglés también incentiva a la producción de situaciones de comunicación plurilingües.

Esas experiencias nos llevan a constatar que las interacciones plurilingües son más comunes y solucionan muchas veces los problemas de comunicación en lugar de agravarlos como suele pensarse. Pues, de cualquier forma, en un espacio de movilidad e intercambio, el privilegiar

una lengua sobre las otras, puede generar situaciones de exclusión, lo cual no es favorable para el desarrollo y bienestar de los científicos.

Por otro lado, estas diferentes experiencias nos muestran que buscar un equilibrio entre lo que es local y lo que es internacional en los procesos de movilidad, ya sea en la recepción como el intercambio, dentro la comunidad académica es todo un reto. El Proyecto Dylan, por medio de un itinerario en universidades europeas, denota que la búsqueda del equilibrio entre local y global, no es homogénea y provoca situaciones de multilingüismo generalmente diglósico (ventaja de una lengua sobre otra), dentro de las cuales, cada lengua ocuparía o tendría su espacio y función en la comunicación. Así, lo indica el artículo *Internationalisation pas uniquement en lingua franca* de Luci Nussbaum (2016) quien a partir del Proyecto Dylan analiza la situación de las universidades en Cataluña.

En la región de Cataluña existen varias universidades donde el español y el catalán son lenguas co-oficiales. Asimismo, el inglés es declarado institucionalmente el tercer idioma de comunicación entre la comunidad científica. Sin embargo, el catalán considerado una lengua minoritaria y que debe ser protegida, genera un escenario interesante para observar la gestión de la diversidad lingüística en el espacio público y en la vida académica. Nussbaum (2016) en su artículo muestra situaciones en las cuales las prácticas translingüísticas o la comunicación plurilingüe son constantes. Así, en el caso de las sustentaciones de tesis (en algunos casos, las tesis con *label* europeo) donde el candidato y/o el tribunal de tesis es internacional, es muy común ver, en un mismo hablante, el tránsito de una lengua a otra en cuestión de segundos. Igualmente, la autora muestra que, en la mayoría de los programas de Master, las tres lenguas co-oficiales de la institución son respetadas, catalán, inglés y español; sin embargo, señala Nussbaum, que las políticas pueden ser modificadas en función de las competencias de los estudiantes y profesores.

De este modo, es frecuente observar que profesores sugieran lecturas e indiquen bibliografía en otras lenguas, así como también se pueden recibir trabajos, entregar artículos científicos y realizar convocatorias a eventos científicos en lenguas que no están especificadas en los documentos de la institución. Para Nussbaum, “estas investigaciones postulan que los usos del plurilingüismo facilitan la adquisición de comunicación, precisamente porque permiten la participación de los actores en actividades unilingües en la lengua meta” (2016, p. 199, traducción del autor).<sup>7</sup> Es decir que, a pesar de que las tareas o los resultados finales sean presentados en una lengua, las actividades implicadas en todo el proceso de elaboración, construcción y negociación del conocimiento o de las tareas, se realizan en diversas combinaciones donde el tránsito entre diversos lenguajes es constante y también necesario.

En este orden de ideas, las prácticas plurilingües de comunicación intervienen como una solución práctica para la comunicación que permiten superar problemas de comprensión y posibilitan establecer un modo de comunicación que ayuda a preservar la diversidad lingüística.

Este es uno de los múltiples ejemplos, dentro del gran número de trabajos realizados, a nivel europeo sobre el uso de las lenguas en la universidad. A pesar de que en el continente latinoamericano los procesos de internacionalización y de movilidad sean un poco más recientes que los acuerdos europeos y pertenezcan a otro contexto socio-histórico, es posible observar algunas de estas prácticas y tendencias en las universidades brasileras.

El caso, por ejemplo, de la Universidad Federal de Integración latinoamericana Unila (Foz do Iguaçu — Brasil), institución pública bilingüe

---

<sup>7</sup> Original: “*ces recherches postulent que les usages plurilingues facilitent l’acquisition de compétences de communication, précisément parce qu’ils permettent la participation à des activités unilingues en langue cible*”.

español / portugués, refleja varias de las posibilidades de comunicación e interacción plurilingüe, algunas de ellas muy próximas a las de las universidades catalanas ya que implica dos lenguas romances co-oficiales en la institución y en la región Mercosur, pero no oficializadas en el territorio nacional, pues en Brasil, el portugués es la lengua oficial.

El trabajo de Degache y Erazo, “Contact linguistique et communication plurilingue comme moyen d’insertion académique des étudiants étrangers” (2017, p. 34), muestra que la intercomprensión, como una forma de comunicación donde cada hablante utiliza una lengua diferente (ya sea propia o adquirida) y entiende la lengua del otro, al movilizar una serie de estrategias comunicativas y sociales para facilitar la comprensión mutua y contribuir a una comunicación eficaz entre los actores, es una de las formas de comunicación privilegiada en este contexto, principalmente en las clases y en las actividades académicas. En el presente artículo, los autores muestran diversas situaciones extraídas de una investigación etnográfica en este contexto bilingüe de aprendizaje. De tal modo, se visualizan algunas de las combinaciones posibles para el uso de las lenguas de enseñanza: hablar cada uno su propia lengua, expresarse en la lengua del otro, incorporación de léxico, calcos y otros fenómenos de contacto lingüístico, uso del “portunhol / portuñol”,<sup>8</sup> interacciones bi-plurilingües, etc.

En la Unila, la situación de bilingüismo institucional es particular pues la institución no ofrece una política ni un planeamiento lingüístico explícito y coherente (no hay leyes o directrices específicas sobre el uso de las lenguas) y la oferta de aprendizaje en lenguas es obligatoria para los estudiantes sin extenderla al resto del cuerpo académico. Por lo

---

<sup>8</sup> Utilizamos aquí el término de portuñol/ portunhol tal cual lo expresaron los propios actores entrevistados en nuestros datos cuando hacen referencia a situaciones de code-mixing o fenómenos de interlingua.

tanto, la responsabilidad del mantenimiento, el planeamiento y el uso lingüístico se ve delegado a los hablantes, en particular, a los profesores y estudiantes, lo cual también permite una gran libertad y flexibilidad en la comunicación. En este contexto, la elección de las lenguas en la comunicación académica responde a una intencionalidad y a una función que cada una de estas lenguas presenta en el contexto académico y en la situación de aprendizaje, muchas veces alejándose de lo que estipula la regla, presentando similitudes con lo indicado por Nussbaum. Los actores sociales recurren a una serie de estrategias y procedimientos, con el fin de resolver sus problemas comunicativos, al interrelacionar conocimientos adquiridos y nuevos repertorios, para potencializar la efectividad de la comunicación y las actividades de enseñanza y aprendizaje. Sin embargo, es de anotar que en la Unila como en la mayoría de los contextos, las relaciones entre lenguas y hablantes no son completamente homogéneas y así la lengua privilegiada, de poder y valor simbólico, en este caso, es el portugués, lengua nacional. De igual forma que el Dylan Project, nos encontramos frente a situaciones “situaciones multilingüismo diglósico, en las cuales cada lengua tendría un espacio propio en la comunicación institucional y científica” (NUSSBAUM, 2016, p. 196, traducción del autor).<sup>9</sup>

## Conclusión

Este tipo de estudios como los que presentamos brevemente aquí, son fruto de investigaciones de carácter cualitativo y etnográfico, los cuales contribuyen a evidenciar diferencias y similitudes entre estos ambientes

---

<sup>9</sup> Original: “*de multilinguisme diglossique, dans lequel chaque langue aurait un espace propre dans la communication institutionnelle et scientifique*”.

académicos. Asimismo, estas experiencias ilustran los puntos divergentes entre la implementación o la ausencia de una cierta política lingüística y sus manifestaciones prácticas.

No obstante, así no hayamos realizado un trabajo de investigación sobre estas situaciones de comunicación en otras universidades públicas brasileras que reciben un gran número de estudiantes extranjeros y cuentan con varios acuerdos internacionales, como la Universidad de Brasilia, la Universidad de São Paulo o la Universidad Federal de Mina Gerais, consideramos que podría ser de gran interés llevar este tipo de estudios sobre las prácticas lingüísticas que puedan ser observadas dentro de estos espacios académicos y de esta manera evaluar y pensar en formas de promoción lingüística que favorezcan la diversidad y la integración científica.

De igual modo, durante los debates del Primer Foro y Feria de internacionalización de la UnB, surgieron algunos cuestionamientos con respecto a estas grandes universidades. Por ejemplo, ¿cómo la política a favor de la producción científica en inglés se manifiesta en las instituciones brasileras donde la mayoría de sus estudiantes extranjeros provienen de países latinoamericanos o africanos, principalmente Angola, Colombia y Perú, países con lenguas nacionales mucho más proximal al portugués?

A diferencia de la Unión Europea, el espacio latinoamericano se caracteriza porque las lenguas oficiales y co-oficiales de los países que componen los bloques transnacionales son en su mayoría el español y el portugués, lo cual supone una gran ventaja para el desarrollo y la implementación de propuestas de intercomprensión entre lenguas latinas; sin negar la importancia de las lenguas y dialectos indígenas y vernaculares, declaradas en varios países como co-oficiales, y que también pueden incluirse en estas propuestas dentro de las dinámicas de prácticas plurilingües, lo cual no solo permitiría la promoción del plurilingüismo, sino también, un proceso de intercambio,

respeto y sensibilización hacia lenguas que conforman nuestro patrimonio identitario, las diversas manera de pensar y concebir el mundo. En este espacio, nos preguntaríamos qué lugar ocuparía el inglés y de qué manera se manifestaría el aprendizaje y la trasmisión de saberes en esa lengua.

Por ello, presentar algunas manifestaciones de repertorios plurilingües dentro de la universidad, puede contribuir al análisis y a la reflexión de propuestas para incluir en los procesos de internacionalización académica. Esta tarea no es fácil pues una perspectiva plurilingüe implica también integrar una perspectiva interdisciplinar, lo cual conlleva un cambio de postura de parte de toda la comunidad académica (estudiantes, investigadores, técnicos administrativos etc.) quienes se vería enfrentados a trabajar en y sobre las bases de la pluralidad y la alteridad para forjar en conjunto nuevas respuestas a los desafíos sociales y científicos actuales.

Bernard Cerquiglini (2013, p. 15), en su artículo “le plurilinguisme à faveur de la science”, consciente de que la calidad de enseñanza y la investigación científica están vinculadas a la política lingüística de la universidad, propone algunos recursos como: la utilización de herramientas tecnológicas de traducción, incentivar a los estudiantes a exponer y presentar trabajos en otra lengua, la oferta de formaciones rápidas en lenguas, el uso de soportes multilingües en clase, el uso de la intercomprensión como forma de comunicación, fomento a la publicación y edición en formato bilingüe/plurilingüe, la oferta de herramientas y ayudas para la redacción de trabajos académicos en diferentes lenguas, etc. En este orden de ideas, el autor apunta:

Es trabajando en equipo que los estudiantes y profesores pueden entrar en un sistema de intercambio diverso y más eficiente otorgándoles la legitimidad y la productividad dentro

de la comunicada académica internacional. No obstante, este tipo de comunidad científica es necesariamente plurilingüe, y debe continuarlo<sup>10</sup> (CERQUIGLINI, 2013, p. 14).

La internacionalización de la educación superior y de la ciencia, pensada a partir de una perspectiva plurilingüe, contribuiría a privilegiar el trabajo en equipo, valorizando la diversidad de culturas científicas y académicas hacia la complementariedad e integración. Para autores como Anne Claude Berthoud (2013), el plurilingüismo se evidencia cada vez más como un antídoto a una cultura unificada de hacer ciencia garantizando la pluralidad de perspectivas y de saberes.

## Referencia

BERTHOUD, A-C.; GRIN, F.; LÜDI, G. (éd.). Exploring the Dynamics of Multilingualism: *The DYLAN Project*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

BERTHOUD, A-C. Vers une science polyglotte. *Cahiers de l'ILSL* (Institut de linguistique et des sciences du langage de l'Université de Lausanne), v. 36, p. 25-44, 2013.

BORG, S. *et al.* (dir.). L'université en contexte plurilingue dans la dynamique numérique. Actes du colloque annuel de l'Agence universitaire de la Francophonie, organisé en partenariat avec l'Université Cadi-Ayyad (Marrakech) les 12 et 13 novembre 2015, Éditions des archives contemporaines, Paris, 2016.

---

<sup>10</sup> Original: "C'est en travaillant par équipes que les étudiants et les enseignants peuvent entrer dans des systèmes d'échange divers qui les rendent performants, qui leur donnent légitimité et productivité dans la communauté scientifique internationale. Or cette communauté scientifique est nécessairement plurilingue, et doit le rester".



BULOT, T.; BLANCHET, P. *Une introduction à la sociolinguistique: pour l'étude des dynamiques de la langue française dans le monde*. Paris, France: Éditions des Archives Contemporaines, 2013.

CALVET, L.-J. Identidades y plurilingüismo. In: Tres espacios lingüísticos ante los desafíos de la mundialización Actas del Coloquio Internacional, París, 20 y 21 de marzo de 2001, p. 93-104. España: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura, OEI, Servicio de Publicaciones. Recuperado a partir de <http://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=376664>.

CERQUIGLINI, B. Le Plurilinguisme en faveur de la Science. *Synergies Europe*, n. 8, 2013, p. 11-17.

DEGACHE, C.; ERAZO-MUNOZ, A. Contact linguistique et communication plurilingue comme moyen d'insertion académique des étudiants étrangers. In: GOROVITZ, Dir. S. Frontières linguistiques en contextes migratoires. Citoyennetés en construction. Paris: L'Harmattan, Collection Espaces discursifs, 2017, p. 26-57.

FOSTER VOSICKI, B. 18. Vers une approche institutionnelle de la question du plurilinguisme à l'université. In: Agir dans la diversité des langues: Mélanges en l'honneur d'Anne-Claude Berthoud. Louvain-la-Neuve, Belgique: De Boeck Supérieur, p. 283-298, 2015. DOI: 10.3917/dbu.jquin. 2015. 01.0283.

GAJO, L.; PAMULA-BEHRENS. Dossier Français et plurilinguisme dans la Science, *Révue GERFLINT*, *Synergies Europe*, n. 8, 2013. <https://gerflint.fr/Base/Europe8/Europe8.html>.

GARCÍA, O. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective* (2e éd.). Malden (MA), Etats-Unis d'Amérique, Royaume-Uni de Grande-Bretagne et d'Irlande du Nord: Wiley-Blackwell, 2011.

GRIN, François. Dépasser les idées reçues. *Le débat*, 178, Paris, 2014, p. 127-135.

LÜDI, G.; PY, B. [1986]. *Être bilingue*. (3a Ed.). Bern, Alemanha: Peter Lang.

MACKEY, W. (1978). The importation of bilingual education models. En Georgetown University Round Table on Languages and Linguistic. Washington D.C. (U.S.A), 2003, p. 1-18.

NUSSBAUM, L. Internationalisation pas uniquement en lingua franca (2016). In: BORG, S. *et al.* (dir.). *L'université en contexte plurilingue dans la dynamique numérique*, Éditions des archives contemporaines, Paris, 2016, p. 195-202.



A internacionalização das universidades é inevitável, e as instituições começam a implementar suas políticas e estratégias, influenciadas pelas dinâmicas acadêmicas internacionais, pelas políticas governamentais nacionais, regionais e mundiais. O desafio é manter o foco nas questões e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais. Deve ser definida de acordo com o perfil das instituições e das necessidades das suas comunidades, com potencial para melhorar o ensino e a pesquisa localmente produzida de modo a fomentar o crescimento sustentável da região, em diálogo constante com o contexto global e valores compartilhados em projetos acadêmicos de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais, a fim de estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. É mais um instrumento para fomentar o diálogo entre atores da internacionalização acadêmica. Esta obra apresenta reflexões sobre as políticas de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil; foca na questão do pertencimento e da atuação em redes internacionais de pesquisa e de diálogo acadêmico; as políticas linguísticas em prol da internacionalização também são objeto de ampla reflexão, aliando-se a sugestões de boas práticas como duplas titulações e eficientes modelos de mobilidade baseados em simetria e reciprocidade. Apresenta discussões voltadas aos programas de cooperação acadêmica e às parcerias consolidadas entre universidades e órgãos internacionais. Boa Leitura!